

Fernando Molica

Vampiros que estão entre nós

Numa das melhores cenas de “Pecadores”, de Ryan Coogler, o vampiro-mor Remmick (Jack O’Connell) questiona Fumaça, um dos gêmeos negros interpretados por Michael B. Jordan, sobre as relações raciais na comunidade em que vivem, no sul dos Estados Unidos da década de 1930.

Fala da opressão dos brancos simbolizada na Ku Klux Klan, frisa que o empreendedorismo familiar — a criação de um clube de blues para negros — seria inviabilizada, que ele mesmo, branco, era vítima do preconceito (seu personagem tem evidentes origens irlandesas).

É como alertasse Fumaça: ninguém nasce vampiro, mas todos correremos o risco de tomarmos uma mordida na jugular e, assim, passarmos compulsoriamente desta para a inegavelmente pior, condenados a vagar eternamente por aí em busca de mais sangue e pescoços. O processo de vampirização é contínuo.

O ciclo fica ainda mais evidente em meio ao racismo institucionalizado do sul norte-americano, onde negros eram vampirizados pelos brancos que lhe sugavam corpos, almas, mentes, culturas: “Eles (os brancos) gostam da nossa música, mas não gostam da gente”, diz — a citação não é literal — um dos personagens, negro e músico.

A vampirização deixa de ser apresentada como um evento mágico e inusitado e passa a

ser vista como um processo de espoliação, de negação de humanidade; algo que, no limite, compromete a própria lógica de exploração de sangue ao marcar sociedades e países.

De alguma forma, todos seremos vítimas, até mesmo os que se julgam impunem, chupam sangue de canudinho e percorrem os céus em asas velozes e emprestadas — sequer precisam fazer esforço para voar.

Assim como a mostrada no filme, a vampirização brasileira está há séculos na nossa cara; não nos faltam vampiros e pescoços. O resultado dessa desenfreada chupação de sangue está nas ruas, nas favelas, na violência que gera vítimas e algozes, que espalha pelo asfalto sangue tantas vezes recolhido em palácios e bancos.

Em outra cena de “Pecadores”, o personagem que fala da admiração dos brancos pelo blues lembra que, em determinadas apresentações para plateias em clubes segregados, ele e outros músicos notavam que, entusiasmados, brancos começavam a marcar o ritmo corretamente com os pés.

Eles, os músicos negros, tratavam então de mudar o andamento das canções, evitavam que o público se apropriasse do que produziam: mudar o compasso, causar desconforto e até trocar a partitura não deixam de ser alternativas, estacas de madeira simbólicas na briga pelo fim da cruel dança vampiresca.

Tales Faria

MG: Pacheco candidato deixa Alexandre Silveira sem espaço

Rompido com o senador Rodrigo Pacheco (PSB-MG) o ministro das Minas e Energia, Alexandre Silveira (PSD), ficou inviabilizado na chapa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para o governo de Minas Gerais. Por isso, resolveu não concorrer a nada e continuar no governo.

Pacheco deverá anunciar até o final do mês, ou início de maio, sua candidatura ao Palácio da Liberdade. A prefeita de Contagem, Marília Campos (PT), será a candidata ao Senado pela chapa. Pacheco negocia com União Brasil, PDT e MDB as outras duas vagas: uma, para o Senado, e a outra, de vice.

O PSD de Alexandre Silveira também fechou as portas para a candidatura do ministro ao Senado. Em Minas, o partido foi para oposição ao filiar Mateus Simões, então vice-governador do pré-candidato a presidente Romeu Zema (Partido Novo), e o senador Carlos Viana.

Presidente da CPMI (Comissão Parlamentar Mista de Inquérito) do INSS, Viana marcou pontos com a oposição bolsonarista ao tentar aprovar um relatório envolvendo o filho do presidente Lula com o desvio de pensões dos aposentados. Foi escalado para bater chapa contra a petista Marília Campos.

O que se diz em Minas Gerais é que o presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, resolveu usar o estado para equilibrar a balança no partido entre aliados e opositores a Lula. Com o Rio de Janeiro e o Nordeste a favor do governo federal, ele decidiu puxar a balança para o opositorismo com Minas Gerais e a candida-

tura presidencial de Ronaldo Caiado.

É provável que Caiado não consiga ir ao segundo turno e acabe apoiando o candidato do PL, Flávio Bolsonaro, se este chegar lá. Se o bolsonarismo vencer, o partido de Kassab será sócio do futuro governo. Mas, se perder, Kassab volta-se para Lula, com quem sempre teve um bom diálogo.

É com base na hipótese de Caiado apoiar Flávio Bolsonaro num eventual segundo turno, que o ministro Alexandre Silveira convenceu Lula de que ele deve permanecer na equipe do presidente. No segundo turno, Silveira pode ajudar a dividir o PSD no estado, evitando o apoio maciço dos cabos eleitorais da sigla ao candidato presidencial do bolsonarismo.

Aliados de Rodrigo Pacheco ironizam a articulação de Alexandre Silveira de duas formas: a primeira é lembrando que ele não tem partido para agregar à candidatura do presidente Lula; a segunda é que ele está comprando “fiado” a permanência no governo. Fica no cargo agora e paga depois, se tiver segundo turno.

No Palácio do Planalto, no entanto, a versão é que Lula não quis mexer no Ministério das Minas e Energia em um momento de crise internacional do petróleo devido à guerra dos Estados Unidos e de Israel contra o Irã.

Não se sabe quanto tempo a guerra vai levar e muito menos o tamanho exato do estrago que causará no mercado de combustíveis, com prováveis consequências sobre taxas de inflação no mundo inteiro, como já está ocorrendo com o fechamento do estreito de Ormuz.

EDITORIAL

O diferencial criativo para o bem do país

O lançamento de um sensor de baixo custo para medir a poluição do ar, fruto da parceria entre o Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia e a Universidade Federal do Pará revela, com clareza, um caminho estratégico que o Brasil ainda percorre de forma tímida: o investimento consistente em pesquisa científica articulada com as necessidades reais da sociedade e com os centros de decisão.

Ao ser apresentado no Acampamento Terra Livre, em Brasília, o equipamento simboliza uma ciência que nasce conectada ao território e às populações que mais precisam de soluções. Não se trata apenas de ampliar a medição da qualidade do ar, como prevê a Política Nacional de Qualidade do Ar, mas de democratizar o acesso a dados que salvam vidas, sobretudo em regiões historicamente negligenciadas pelas políticas públicas.

Os números são eloquentes. Em um país com 570 estações de monitoramento da qualidade do ar, apenas 12 estão localizadas em Terras Indígenas. Ao mesmo tempo, eventos climáticos extremos, agravados por queimadas, resultaram em 138 dias de ar nocivo à saúde em estados amazônicos ao longo de 2024. A falsa percepção de que a Amazônia respira ar puro já não se sustenta diante da realidade.

É nesse contexto que iniciativas como a criação da RedeAr ganham relevância estratégica. Ao integrar dados ambientais com indicadores de saúde, especialmente doenças respiratórias, o Brasil dá um passo importante rumo a políticas públicas mais inteligentes, baseadas em evidências e capazes de antecipar crises. Mais do que medir, trata-se de compreender e agir.

O desenvolvimento de tecnologia nacional, adaptada às condições específicas da Amazônia, também evidencia outro ponto crucial. A dependência de equipamentos importados não apenas encarece soluções como limita sua eficácia em contextos distintos. Ao investir em ciência local, o país fortalece sua autonomia, reduz custos e amplia a capacidade de inovação.

No entanto, o verdadeiro diferencial competitivo não está apenas na produção científica, mas na capacidade de conectar universidades e institutos de pesquisa aos setores públicos e privados responsáveis por tomar decisões. Essa aproximação é o elo que transforma conhecimento em impacto concreto. Sem ela, descobertas permanecem restritas ao meio acadêmico; com ela, tornam-se políticas, produtos e práticas que melhoram a vida da população.

Opinião do leitor

Amor Infinito

Agradeço ao sol pelas raízes no céu. Ao mar pela procura dos amados. As estrelas, pela energia aos namorados. Ao homem pela decisão de cuidar dos feridos. Agradeço as crianças por sonharem por mais emoção e ternura. Agradeço aos idosos pelas sementes da honestidade. Agradeço as flores, pelo sentimento do prazer.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Núcleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200
Campinas: Avenida Aquidabã, 766, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.